

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

DEFICIÊNCIA FÍSICA: MEU LUGAR DE FALA COMO PROFISSIONAL
DA COMUNICAÇÃO

João Paulo Brito Oliveira

GOIÂNIA
2021

João Paulo Brito Oliveira

DEFICIÊNCIA FÍSICA:

MEU LUGAR DE FALA COMO PROFISSIONAL DA COMUNICAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para conclusão do Curso de Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Carolina Zafino Isidoro

GOIÂNIA

2021

Trabalho de Conclusão de Curso
Deficiência física: meu lugar de fala como comunicador

João Paulo Brito Oliveira

Aprovado em: 13/12/2021

Carolina Zafino Isidoro (Orientadora)

Gabriella Luccianni Morais Souza Calaça (1º avaliador)

Antônio Carlos Borges Cunha (2º avaliador)

Dedico este trabalho, a Deus pela infinita bondade.

Aos meus familiares, principalmente a minha mãe, pelo estímulo e companheirismo.

Aos professores tão inovadores e significativos.

Enfim, a todos que fizeram parte desta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTO

A Deus pela possibilidade de enfrentar as barreiras com determinação, fé e muita dedicação. A minha mãe que soube entender e acompanhar de forma ímpar toda preparação para este trabalho. Aos familiares que souberam respeitar os momentos de isolamento e dificuldades. Aos professores e colegas pela grande contribuição.

Não são as circunstâncias da vida que nos atingem, mas a forma de enfrenta-las.
(João Paulo Brito)

RESUMO

O segmento desse trabalho é Ciberjornalismo e mídias sociais e tem como tema central, a produção de conteúdo no Instagram sobre o cotidiano do deficiente físico, seus desafios, suas vitórias e seus entraves. O estudo tem como objetivo geral, planejar e desenvolver um produto jornalístico voltado para mídias digitais, especificamente, planejar e desenvolver o planejamento editorial que irá sustentar a produção de conteúdo jornalístico nas mídias digitais; discutir e selecionar pautas que abranjam o mundo do deficiente físico para a produção de notícias, entrevistas e reportagens; produzir conteúdo em formato life style para as mídias sociais, de modo, a aproveitar o conteúdo informativo disponível e ainda produzir conteúdo opinativo acerca da rotina de um cadeirante. Isso tudo, a partir da vivência pessoal do autor, também com as leituras dos autores relacionado nesse trabalho. Enquanto aluno do último ano de Jornalismo, o autor passou por diversas situações de exclusão em ambientes que envolvem os meios de comunicação, simplesmente por ser cadeirante.

Palavras-chave: Ciberjornalismo, mídias digitais, inclusão, deficiente físico.

Abstract

The segment of this work is cyberjournalism, social medias. Has as its like a central theme, the production of contentes in the Instagram about the daily of the phisical deficientes, their challenges, their success and their obstacles. The study has like a general purpose, to plan and develop the editorial planning, that will go to support the production of journalistic's contentes in the digital medias to discuss and to select staffs that include the universe of the phisical deficiente to the news' production, interviews and reports to produce contentes in life-style shape to the social medias, in order to enjoy the informative contentes availables and still produce opinionated content about the routine of a wheelchair user. All this, based on personal experience of the author, also with the readings of the authors listed in this work. who as a student in the last-year of journalism, went through several situations of exclusion in environments that involve the media, simply because he is a whellchair user.

Key-words: cyberjournalism, digital medias, inclusion, phisical, deficient.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Visão geral dos insights.....	30
Figura 2 – Público alcançado por município.....	30
Figura 3 - Público alcançado por países.....	32
Figura 4 - Público alcançado por faixa etária.....	33
Figura 5 - Público alcançado por gênero.....	34
Figura 6 - Público engajado	35
Figura 7 - O crescimento dos seguidores.....	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1	Ciberjornalismo e mídias digitais	13
2.2	Comunicação e deficiência.....	19
2.3	Cidadania, mídia digital e legislação.....	23
2.4	Redes de participação e visibilidade das pessoas com deficiência.....	25
3	MEMORIAL/ RESULTADOS E DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	27
3.1	Memorial	27
3.2	Resultados e descrição do produto.....	28
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
	AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E PARA REPRODUÇÃO	40

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste TCC é apresentar formas de coibir o preconceito quanto a pessoas deficientes físicas cadeirantes e mostrar os problemas que estas encontram cotidianamente no universo geográfico quando se trata de locomoção, acesso aos muitos lugares que ignoram as leis já existentes no país. Porém, o intuito desse trabalho é combater a falta de acessibilidade na comunicação e abrir espaço no Instagram como “lugar de fala” para discutir sobre direitos do cidadão cadeirante, políticas públicas, preconceito, redes de apoio, acessibilidade para o lazer e comunicação na rede. Para isto foi utilizado o perfil no Instagram @joaopaulozandor.

O texto é construído e configurado com base em aspectos interligados, porém, distintos. Primeiro, abordaremos conhecimentos e visões de autores renomados sobre o tema. Depois discorreremos sobre Ciberjornalismo e Mídias Digitais e Comunicação e Deficiência. No capítulo II será apresentado um memorial do autor, que é cadeirante e aluno do último ano do Curso de Jornalismo, juntamente com a descrição e resultados finais da pesquisa.

Na atualidade, o ser humano fica constantemente rodeado pela tecnologia, pois ela se destaca como uma ferramenta de importante valor, em todas as áreas, inclusive no Jornalismo. Dessa forma, o uso das tecnologias digitais associado à comunicação pode proporcionar um olhar crítico e reflexivo para diversas questões sociais, como a inclusão social e digital do indivíduo que possui deficiência, tanto como consumidor de informação, como produtor de conteúdo.

Enfim, fala-se muito em inclusão, todavia, a verdadeira inclusão só será possível com políticas públicas ligadas aos conceitos de cidadania. Os Direitos Humanos, com direito a viver com bem-estar, dignidade e “lugar de fala” para deixarmos de ser invisíveis aos olhos da sociedade, para tornar públicas as dificuldades e desafios que enfrentamos todos os dias e buscar melhores condições de vida para nós, deficientes físicos e cadeirantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme Ataíde (2011), incluir de forma social e digital o sujeito com deficiência consiste em um grande desafio para a sociedade contemporânea, uma vez

que tão importante quanto o desenvolvimento tecnológico, é também a socialização das oportunidades de uso para este indivíduo. A ampliação ao acesso à internet e aos dispositivos eletrônicos emergem no intuito de disponibilizar a inclusão do deficiente às diversas mídias digitais, bem como a comunicação convergente.

Conforme aborda Marina de Almeida Silva (2017), as tecnologias dentro do contexto da informação e da comunicação podem ocasionar grandes transformações e alcançar um público amplo. Diante disso, projetos que visam o desenvolvimento de propostas que permitam a produção e o acesso à informação podem contribuir para a formação de uma sociedade capaz de oferecer oportunidades iguais para todos. As barreiras, que existem no acesso à informação das pessoas que são deficientes, devem ser transpostas, e para isso é preciso que exista uma representação significativa dessas pessoas na mídia, de modo que seja garantido o exercício dos seus direitos sociais e a sua visibilidade.

É seguindo a perspectiva do “aumento no uso do meio digital para a criação, divulgação e armazenamento de informações” (SILVA, 2017, p.8) e das inúmeras possibilidades de transformação social, que este trabalho se coloca. Sua relevância é demonstrada diante da necessidade de utilização das ferramentas atuais na busca pelo avanço da sociedade no que se refere à exploração dos recursos tecnológicos de produção e veiculação da informação, por parte das pessoas com deficiência.

Nesse sentido, para Cristina de Oliveira Jorge e Glaucius Décio Duarte (2010), dentro do cenário atual onde o conceito de acessibilidade tem sido cada vez mais tematizado na Web, por estar relacionado com a possibilidade de ingresso ou até mesmo de alcance das informações no processo de socialização da pessoa com deficiência, no decorrer de sua integração com o meio e a cultura é indispensável que a comunicação seja interativa. O progresso da acessibilidade na Web visa promover o acesso das pessoas com deficiência a um produto que está vinculado com a Internet, como por exemplo, uma página pessoal ou uma rede social.

Por permitir inúmeros benefícios ao cidadão, quando se fala sobre o conceito de acessibilidade dos indivíduos aos meios digitais, convém colocar que é crucial que se respeite alguns fatores como cultura, característica física, étnica e cultural dos mesmos. São diversas as abordagens do tema em leis e decretos que servem de apoio para essa questão e buscam promover o acesso significativo de todo ser humano ao universo tecnológico em detrimento da sua característica, seja ela qual for (JORGE e DUARTE, 2010).

De acordo com Neto et. Al (2010), esse tratamento da pessoa com deficiência nas agendas políticas e na mídia é algo que se iniciou recentemente. É um direito, no entanto, nem sempre garante a acessibilidade do deficiente no mundo virtual de forma eficaz. O uso de algumas expressões inadequadas, que muitas vezes, são usadas pela mídia ao fazer referência as pessoas que possuem alguma deficiência, demonstra a falta de conhecimento em relação ao assunto. Esse desconhecimento da temática acaba causando um equívoco grande por parte daqueles que tratam apenas como “deficiência física”.

Outro aspecto observado constantemente nas matérias é a “boa ação”, que é atribuída pelos comunicadores através desses termos “tentam minimizar a carga de preconceito em relação às pessoas com deficiência. Apesar de ser expressiva a quantidade de pessoas com deficiência no Brasil, existe ainda um paradigma ético em relação ao tratamento dessa temática em meio aos avanços tecnológicos e a política midiática da inclusão. Impulsionado pelo advento da internet, o alcance as informações em poucos segundos, constitui uma forte influência na vida cotidiana, mesmo para aqueles que ainda se utilizam apenas de jornais e rádios (NETO, et al, 2010).

Essa concepção de Neto et. Al (2010) vem ao encontro aquilo que Gavin Jácome (2012) afirma em relação aos avanços na atualidade. Infelizmente, o deficiente ainda possui muitas dificuldades sem se inserir nos diversos âmbitos sociais e virtuais, e isto se deve em parte, à construção cultural que é montada a seu respeito, que os enxerga como inferiores, e incapazes. A mídia é, dessa forma, uma reprodutora de sentidos, uma vez que constrói de forma simbólica aquilo que acontece e se constitui como formadora de opiniões.

Todavia, abordar um tema tão relevante, no âmbito da comunicação, é deixar claro que a melhor maneira de se informar e de se comunicar, está relacionada com os aspectos que dizem respeito à realidade do ser humano, seja ele deficiente ou não. Por isso, podemos afirmar que o público alvo a que se destina o TCC na modalidade projeto experimental, são todas as pessoas de um modo geral, embora, seja dado uma ênfase especial aos deficientes físicos.

Dispositivos dessa natureza não podem ser deixados no esquecimento, pois desempenham papel essencial na propagação do conhecimento e pode colaborar no processo de inserção das pessoas com deficiência. A mídia pode “estimular o conhecimento a fim de sanar dúvidas sobre o tema, além de reconhecer a pessoa

com deficiência como sujeito de direitos e a deficiência como parte integrante de uma sociedade marcada pela diversidade” (Neto, et al, 2010, p. 9).

É a partir da prerrogativa de que páginas e sites desenvolvidos na mídia podem ajudar jornalistas e demais comunicadores a lidarem com as questões onde está envolvida a temática da deficiência, que este projeto está sendo desenvolvido. Uma vez que, é por meio da mídia que grande parte da população entra em contato com a temática das deficiências, trabalhar um projeto como esse, faz parte de uma demanda que tem se demonstrado em alta na sociedade. (NETO, et al, 2010)

Nesse contexto, JORGE (2018), considera que esse tipo de trabalho, desenvolvido a partir da mídia, possui uma grande relevância no sentido de promover a conscientização social. Para que, o respeito às diferenças, tanto físicas quanto intelectuais ocorra, o conhecimento e o acesso à informação são extremamente importantes. As pesquisas realizadas conforme a proposta desse projeto podem portanto, dentro dessa perspectiva, desencadear mudanças formidáveis na sociedade a partir da transformação da mentalidade e como construção de um espaço que dê lugar para a participação plena das pessoas com deficiência física na formação de opinião e para a valorização das diferenças.

Considerando que cada um deve ter em mente que sua profissão pode ajudar a melhorar, ainda mais, a vida das pessoas com deficiência, causando “benefícios tecnológicos, ou no mínimo certificando que dentro de suas rotinas de trabalho, seja permitido o acesso à informação e comunicação das pessoas com deficiência e, conseqüentemente, a sua inclusão social” (JORGE, 2018, p17), esta é uma proposta que vem a calhar com as demandas do mundo em que vivemos.

Para além da questão de produção e acesso à informação, no que se refere à sua contribuição para o meio científico, esse trabalho significa um passo a mais na caminhada de inclusão das pessoas com deficiências físicas nos ambientes de comunicação e de propagação da mídia. Faz parte de um debate bastante presente na atualidade e que precisa ser mais trabalhado e de forma mais profunda para que sejam ampliados os conhecimentos sobre a temática para todos, que se encontram envolvidos nesse processo.

2.1 Ciberjornalismo e mídias digitais

Na atualidade, o ser humano vive constantemente rodeado pela tecnologia, pois ela se destaca como uma ferramenta de importante valor, em todas as áreas, inclusive, no jornalismo. Dessa forma, o seu uso associado com o jornalismo busca alcançar o conhecimento, baseado em valores, que impulsionam a busca por informações de forma inovadora e moderna (CARLA SCHIWGEL, 2008).

É fato que as constantes transformações no universo midiático, em boa parte, estão relacionadas as mutações tecnológicas, bem como os comportamentos sociais e culturais que são observados nas últimas décadas. Aliás, têm se levado em conta, constantemente, também o conceito de jornalismo e sobretudo, a função social do jornalista (SCHIWGEL, 2008).

A chegada de novas tecnologias implica, essencialmente, no processo de alteração no modo de vida das pessoas de modo que,

Sabemos que as grandes mudanças (genéticas, nessa comparação) provocam sucessivas alterações nas características – ou no DNA do jornalismo – e isso não se dá sem conflitos e tensões. Seja qualificado como jornalismo on-line, digital, ciber ou e - jornalismo, seja acompanhando as causas dos cidadãos no jornalismo cívico ou comunitário (JORGE E PEREIRA, 2009, p.2).

Para estes autores, com o avanço tecnológico foi necessário que o jornalista se adaptasse as novas mudanças em prol de desenvolver um trabalho moderno e com informações ágeis. Dessa forma, percebe-se que o uso das novas tecnologias da comunicação representa uma grande inovação no jornalismo, pois propicia o desenvolvimento do espírito investigativo e inovador do jornalista.

Desse modo, salienta-se que com a frenética evolução tecnológica digital que se vivencia, sobretudo em decorrência do surgimento e expansão da Web 2.0, designada como Web Social, tem provocado o surgimento de muitas ferramentas, que são facilitadoras da inserção do cidadão comum no processo de produção do jornalismo.

Entre elas, estão as ferramentas tidas como de fácil utilização que permitem que ocorra a criação, e a utilização de blogs, microblogs, sites pessoais, salas de chat, fóruns de discussão, redes sociais, assim como espaços de publicação e partilha de fotos, vídeos, áudios, slideshows, ou ainda mapas, serviços de georreferenciação dentre outros (SCHIWGEL, 2008, p.15).

Diante disso, percebe-se que o ciberjornalismo consiste na prática da produção *online* de um determinado conteúdo. Ele representa um estágio novo de adaptação do jornalismo, o qual transpassou as mídias tradicionais, tais como a

televisiva, a radiofônica e a impressa, chegando ao ambiente digital da web. Assim, afirma-se que o ciberjornalismo tem como princípios básicos:

- 1) a multimidialidade;
- 2) a interatividade;
- 3) a hipertextualidade;
- 4) a customização do conteúdo;
- 5) a memória;
- 6) a atualização contínua;
- 7) a flexibilização dos limites de tempo e espaço como fator de produção;
- 8) o uso de ferramentas automatizadas no processo de produção (SCHIWGEL, 2008, p. 92).

Para essa autora, o ciberjornalismo consiste na modalidade jornalística no ciberespaço, fundamentada por meio da utilização de sistemas automatizados que promovem a composição de narrativas, sejam elas hipertextuais, multimídias ou interativas.

Corroba João Canavilhas (1999) ao destacar as sete características do webjornalismo. São elas: a hipertextualidade, a multimidialidade, a interatividade, a personalização, a memória e instantaneidade e a ubiquidade.

A primeira delas, a hipertextualidade, promove as relações entre o jornalista, a máquina e o leitor. Aliás, ela possibilita um perfeito encadeamento das funções de multimidialidade e interatividade. Assim,

Mais do que um mero conjunto de palavras ou frases organizadas segundo um conjunto de regras preestabelecidas, o texto transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações ou seja, num hipertexto (CANAVILHAS), 1999, p.10).

Diante disso, percebe-se que para este autor, a hipertextualidade, no webjornalismo, agiliza sobretudo, o acesso e alinha várias ópticas em relação a um determinado tema que seja noticioso, ampliando desse modo, a percepção que antes se limitava pela unilateralidade e também pela falta de tecnologias consideradas midiáticas.

A multimidialidade provoca no receptor a sensação de estar participando na produção e construção das informações. Logo, para este autor é impossível entender o que significa este termo, sem que antes se questione o que significa a multimídia, pois

Nos nossos dias, é tal a onipresença do adjetivo “multimédia” que pode parecer um absurdo fazer esta pergunta. Sobre tudo nas profissões vinculadas à comunicação, cruzamo-nos diariamente com expressões como “empresas multimédia”, “marketing multimédia”, “jornalistas multimédia”,

“dispositivos multimédia” e, claro, “informações multimédia”. Estamos rodeados de referências à multimedialidade (CANAVILHAS, 1999, p.26).

Assim, para este autor definir o conceito de multimédia não consiste em uma tarefa assim tão simples, já que o mesmo, possui três acepções, a primeira delas é a multiplataforma, a segunda a polivalência, a terceira e última é a combinação de linguagens.

A multiplataforma, se encontra relacionada com aqueles casos em que diferentes meios da mesma empresa jornalística podem articular as suas respectivas coberturas informativas, visando conseguir que se tenha um resultado conjunto. Em relação a polivalência midiática, esta refere-se ao modo como o mesmo jornalista pode trabalhar de forma simultânea com finalidades e meios distintos. No passado, isso acontecia apenas com os chamados jornalistas *freelancers*, porém, na atualidade, é algo cada vez mais habitual nas empresas jornalísticas que são constituídas de muitos meios.

Já a Polivalência temática acontece quando um jornalista trabalha sem ter nenhuma especialização informativa.

Nestes casos, o jornalista tanto se ocupa de uma matéria como de outra, absolutamente distante. Este tipo de polivalência, uma vez mais, é bastante comum nos trabalhos de correspondência jornalística e nas redações de meios mais pequenos; não obstante, nos meios de comunicação de dimensões consideráveis, o mais comum acaba por ser a divisão dos jornalistas por especialidades temáticas. (CANAVILHAS, 1999, p.28).

Ainda conforme esse autor, a polivalência funcional se encontra relacionada com o conceito de multitarefa, a qual alude aquele tipo de polivalência em que um jornalista pode vir a desempenhar muitas funções dentro da mesma redação.

A combinação de linguagens consiste na terceira acepção do termo multimédia, ela desempenha uma função crucial no jornalismo, pois consiste na combinação de linguagens que se expressa pelos formatos – “texto, som, imagem, vídeo...Esta terceira acepção de multimédia é a mais usual e, de facto, a única que consta no dicionário” (CANAVILHAS, 1999, p. 28).

No que se refere à interatividade, este autor compreende que ela está relacionada com a interação, a qual, possibilitada que através de redes sociais aconteça o discurso da informalidade.

A interatividade é uma das características essenciais da comunicação na Web. Cada vez que se analisa a linguagem da internet, apela-se à ideia da interatividade como um dos seus pilares. Contudo, é também um conceito chave para abordar o estudo do jornalismo nos nossos dias. Ou seja, não só do jornalismo digital, mas de todo o jornalismo. (CANAVILHAS, 1999, p.53).

Assim, podemos observar que do mesmo modo como a internet que transcende o jornalismo por possuir uma forma de expressão, na Web, a interatividade pode ir além do jornalismo digital. Ela se faz presente nas rotinas de trabalho de qualquer jornalista, independentemente do meio em que o mesmo trabalhe.

A personalização, por sua vez, para Canavilhas (1999) consiste na possibilidade de interatividade das mídias, pois os webleitores buscam encontrar nas plataformas, o reconhecimento da sua própria imagem.

Já a memória consiste em um recurso da mídia tradicional, que quando é adaptada em um ambiente virtual, consegue ganhar novas nuances de modo a gerar efeitos novos por meio dos receptores da informação. Além disso, convém salientar que:

O acionamento da memória é condição de produção em peças jornalísticas de carácter comemorativo (aniversários de eventos ou pessoas) e naquelas em que o fato presente está sinalizando um fim de trajetória, como nos obituários, por exemplo (CANAVILHAS, 1999, p. 53).

Contrário ao senso comum, esse autor comenta que um olhar mais atento e analítico em relação às páginas, em uma única edição de um jornal, demonstra-nos sobretudo, que o trabalho de memória consiste em uma recorrência que é crucial para a construção do retrato da sociedade atual, o qual se reproduz por meio de um noticiário jornalístico.

O banco de dados, exerce uma intensa influência dentro do Webjornalismo, pois este armazena informações, com possibilidades de os jornalistas realizarem pesquisas posteriores (CANAVILHAS, 1999).

Em relação ao banco de dados este autor acredita ainda que apesar do mesmo não ser uma estrutura nova, este assume uma imensa relevância no Webjornalismo. Na década de 70, por exemplo se usava o mesmo com o intuito de realizar um armazenamento nas informações, com possíveis possibilidades posteriores de consulta realizadas pelos jornalistas. Nessa época o mesmo funcionava como uma espécie de arquivo que servia para conferências de dados e garantir a qualidade em reportagens.

Desse modo, aplicado ao Webjornalismo, o uso de BD implica nas grandes modificações no fazer jornalismo que é realizado pela Internet, no sistema de obtenção e também de produção que é realizado pelas informações e as suas difusões (CANAVILHAS, 1999).

O jornalismo colaborativo é usado no intuito de descrever a participação da população no que diz respeito a série de produção de notícias, como, por exemplo, “jornalismo cidadão”, “jornalismo participativo” e “jornalismo open source” (CANAVILHAS, 1999, p.4). Assim, se assevera que o jornalismo colaborativo é feito pelos leitores, de modo a destacar qualquer assunto. O seu conteúdo é produzido, essencialmente, para veicular na Internet.

Em relação a instantaneidade em rede, a mesma diz respeito as possíveis suposições sobre o que constitui “ser o primeiro” e estão sob pressão, pois,

Na medida em que as empresas jornalísticas têm competido em termos de velocidade, estas elegeram as novas tecnologias como suporte para lhe darem vantagem, desde o uso do telégrafo para distribuição de notícias, passando pela editoração eletrônica (*desktop publishing*), até a adoção da tecnologia via satélite pelas emissoras (*broadcasters*) (CANAVILHAS, 1999, p.111).

Assim, na medida em que essas tecnologias de velocidade se encontram, tem tornado disponíveis para os possíveis publicadores (*publishers*) e os consumidores. Alguns tende a explorar outros novos limites como, por exemplo, ser o primeiro a verificar, a organizar as informações. Todavia, na medida em que estas mudanças acontecem, a instantaneidade da web *publishing* (publicação na Web) promove novas oportunidades para que os publishers (emissoras e editoras) se insiram em contextos novos.

Por fim, em relação à ubiquidade que é o 7.º princípio do jornalismo na era digital, Canavilhas (1999), faz a seguinte ponderação:

O que significa ubiquidade? Ubiquidade significa ser encontrado em todo lugar. O dicionário Merriam-Webster oferece esta definição: “presença em todo lugar ou em muitos lugares, sobretudo simultaneamente.”² É significativo notar que esta definição incluem a noção de presença simultânea. No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real (CANAVILHAS, 1999, p. 159).

Quando se fala de ubiquidade no jornalismo, isso quer dizer que nem todos podem acessar notícias e entretenimento, mas podem participar e ainda fornecer a

sua contribuição para os conteúdos que serão compartilhados e distribuídos em cunho global.

2.2 Comunicação e deficiência

Os conceitos de comunicação e deficiência se relacionam quando se coloca em pauta a inserção das pessoas deficientes no mundo cibernético. Desse modo, para Clarice das Chagas (2015), comunicação pode ser definida como um fator importante nas relações diárias entre os seres humanos. Ela consiste em um aspecto fundamental para toda e qualquer sobrevivência. Logo, entende-se que:

A comunicação pode ser considerada o processo social básico, primário, porque é ela que torna possível a própria vida em sociedade e se estivermos pensando em nossa condição biologicamente social é inegável que é ela mesma que nos humaniza. Vida em sociedade significa intercâmbio. E todo intercâmbio entre os seres humanos só se realiza por meio da comunicação. A comunicação preside, rege todas as relações humana (CHAGAS, 2015, p. 19).

Diante dessa postulação, pode-se perceber que a comunicação se configura como um fator essencial para vida humana em sociedade, pois é somente por meio dela que é possível que aconteça o processo de interação entre as pessoas nos diversos contextos sociais, inclusive nos midiáticos.

Dessa forma, é válido destacar ainda que o campo da comunicação passa constantemente por diversas mudanças, inclusive na área do jornalismo. De acordo com Letícia Paola Beilfuss (2016), essas transformações são condicionadas tanto pelo âmbito econômico, quanto pelo desenvolvimento das novas tecnologias. As empresas de comunicação são capazes de reestruturarem o seu contexto real nas redações, bem como a atuação do jornalista. Consequentemente, a perspectiva da Cultura da Convergência impõe a cultura participativa e a inteligência coletiva por meio da convergência tecnológica.

Neste sentido, Zélia Leal Adghirni pontua que quando se fala sobre jornalismo e comunicação é fundamental notar que estes dois, por vezes, se confundem, pois:

Jornalismo e comunicação funcionam quase como sinônimos e os protagonistas destes cenários atuam, ora num campo ora noutro. Mas todos se autodefinem como jornalistas, uma vez que a profissão é determinada pelo diploma obtido nas faculdades de Comunicação, Habilitação Jornalismo,

registrado no Ministério do Trabalho e exigido pelas empresas para o exercício profissional. Mas nos últimos anos, por uma série de razões que ainda estamos investigando, o campo do jornalismo propriamente dito, vem encolhendo em detrimento do campo da comunicação (leia-se assessorias de comunicação, de empresas privadas ou instituições públicas (Adghirni, 2004, p. 3).

Conforme o exposto, observa-se que comunicação e jornalismo são duas áreas que se entrelaçam e se complementam, pois o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, bem como o fortalecimento da ação das assessorias relativos à imprensa impõem, sobretudo, a contextualização do espaço voltado para as competências profissionais.

Neste cenário, conforme a autora, um dos fatores cruciais para o desenvolvimento das habilidades no âmbito da comunicação é, sobretudo, a aquisição da linguagem. No entanto, é sabido que nem sempre é possível que ocorra a inserção do deficiente neste contexto, pois muitas vezes, essas pessoas são tidas como invisíveis pela sociedade, simplesmente por possuírem deficiências, sejam elas intelectuais ou físicas.

Conforme Maria Fernanda Costa Novak (2015, p.4), deficiência é um termo que designa a limitação física, sensorial ou até mesmo, intelectual de uma pessoa. Do ponto de vista geral, o conceito é empregado para mencionar um alto grau de disfunção. Em alguns momentos da história, ter deficiência representava algo maligno, ou uma punição de Deus para com o indivíduo, ao passo que com a Revolução burguesa, era considerado deficiente todo aquele indivíduo não “produtivo, que onerava a sociedade, enquanto ao seu sustento e manutenção, já que o trabalho se dava através da venda da força de trabalho do homem”.

Entretanto, após a Segunda Guerra mundial, começou a surgir o aparecimento de tendências que asseguravam direitos.

Oportunidades de igualdade a todos os seres humanos. Reconheceu a qualificação dos deficientes no mercado de trabalho devido à escassez de mão-de-obra. E na década de 1950, na Dinamarca surgiram estudos sobre educação especial, a qual defende a integração, e esse, por sua vez, tem sido um tema utilizado com frequência cada vez maior na literatura especializada brasileira (MENDONÇA, 2002, p. 5).

A partir de então, por meio da Constituição de 1967, notou-se alguns avanços importantes, com destaque relevante à Emenda nº. 12 que fala e defende a proteção das pessoas com deficiência,

É assegurada aos deficientes a melhoria de sua condição social e Econômica especialmente mediante:

- I) educação especial e gratuita;
- II) assistência, reabilitação e reinserção na vida econômica e social do País;
- III) proibição de discriminação inclusive quanto à admissão ao trabalho ou ao serviço público e a salários;
- IV) possibilidade de acesso a edifício e logradouros públicos. (g.d.) (NOVAK, 2015, p. 17).

Essa alteração veio para assegurar a integração efetiva do indivíduo portador de alguma deficiência no contexto social nas diversas instâncias, até mesmo, no meio cibernético. Destaca-se que a intenção do presente trabalho é justamente dar ênfase para a inserção do deficiente físico, profissional da comunicação, nas mídias.

Dessa forma, convém salientar que a deficiência física possui como comprometimento a amputação seja total ou parcial, ou a falta de um membro, “sua má-formação ou deformação, uma alteração que afeta o sistema esquelético e muscular” (MENDONÇA, 2002, p. 5).

Além disso, a deficiência física, se define como condições motoras diversas, as quais acometem os indivíduos de modo a comprometer a “mobilidade, a coordenação motora geral e da fala, em consequência de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas, ou más formações congênicas ou adquiridas” (MEC, 2004, p. 4). Ela apresenta causas distintas, como a distrofia muscular, paralisia cerebral, epilepsia, bem como, a má formação congênita.

A Lei nº 10.098/00 deixou clara a necessidade de se incluir o deficiente em todas as esferas da sociedade, tornando para este os ambientes com fácil acesso, de modo a adequar os espaços que de fato atendam à diversidade humana e levem a eliminar, inclusive, as barreiras arquitetônicas.

Também foi promulgado o Decreto nº 5.296/04 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências. Dando então um prazo de 30 meses para que lugares públicos organizem seus espaços, de forma a torná-los acessíveis (SILVA; VOLPINI, 2014, p. 4).

De um modo geral, a lei estabelece normas gerais, bem como alguns critérios essenciais para que ocorra a promoção da acessibilidade das pessoas que são consideradas portadoras de deficiência ou que tenham uma mobilidade reduzida, devido a supressão de barreiras, a presença de obstáculos nas vias e nos espaços públicos, nos meios de transporte e sobretudo, no contexto da comunicação. Aliás, em seu Art. 2, inciso II, estabelece que é considerado barreira na comunicação “qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa” (BRASIL, 2000).

Conforme os dados do Censo realizado pelo IBGE relativo ao ano de 2015, no cenário brasileiro, 6,2% da população possui algum tipo de deficiência. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), por exemplo, conforme ressalta Vilela (2015), revelou que existem quatro tipos de deficiências, tais como a auditiva, visual, física e até mesmo a intelectual.

Além disso, o estudo demonstrou que 1,3% da população possui “algum tipo de deficiência física e quase a metade desse total (46,8%) tem grau intenso ou muito intenso de limitações. Somente 18,4% desse grupo frequentam serviço de reabilitação” (VILELA, 2015, p.1).

No Brasil, existem algumas pessoas deficientes físicas que fazem parte do mundo dos profissionais da comunicação, como por exemplo, José Amilton Ribeiro, que foi por muitos anos apresentador do Globo Rural na Rede Globo e ainda é repórter, que se tornou uma referência no jornalismo brasileiro.

José Hamilton Ribeiro era considerado um repórter por vocação. Por causa de sua obstinação pela notícia, foi muito premiado, acumulando, entre outros troféus, sete Esso de Reportagem, o Prêmio Personalidade da Comunicação 1999 e o título de “rosto do jornalismo brasileiro”, conferido pela revista *Ícaro* no ano passado (RICARDO SHIMOSAKAI, 2013, p. 1).

José Amilton teve a parte inferior da sua perna esquerda dilacerada em 1968, quando pisou em uma mina vietcongue, próximo a cidade de Quang Tri, durante a cobertura da Guerra do Vietnã para uma revista conhecida como Realidade, em 1968. A perna do profissional foi amputada na época, em um hospital do exército.

Além dele, podemos citar ainda grandes nomes, como o de Flávia Cintra, repórter cadeirante do programa Fantástico, da TV Globo. Atualmente, ela organiza

palestras que abordam temas que exploram a motivação, inclusão social, bem como os desafios que as pessoas com deficiência precisam superar, cotidianamente.

Outra cadeirante repórter é Carla Maia, que trabalha na TV Brasil. Quando tinha 17 anos, teve um sangramento de forma espontânea na medula cervical e por isso, perdeu vários movimentos nos membros. Foi dado a ela o diagnóstico de tetraplegia, uma doença “que impede a movimentação dos dedos das mãos e das pernas. Desta forma, ela teve que se adaptar com a cadeira de rodas, que passou a fazer parte da rotina de forma permanente” (SHIMOSAKAI, 2013, p. 1).

Neste cenário, convém destacar que existem influenciadores digitais deficientes, que levam até o público parte da rotina diária, que para muitos é um desafio, como é o caso do atleta Fernando Fernandes, ex-participante do *‘Big Brother Brasil’*, no ano de 2002. Ele era jogador de futebol profissional, exercia a profissão de boxeador amador e também modelo internacional. Em 2009, sofreu um acidente de carro e ficou paraplégico.

Por isso, é muito importante trazer exemplos de deficientes que fizeram e que fazem parte do mundo digital, pois pretende-se com a realização desse projeto produzir um conteúdo jornalístico digital que, de fato, inclua o autor do presente trabalho no contexto comunicacional.

Para Djamilla Ribeiro (2017), todo ser humano, independente da sua característica, deve possuir lugar de fala na sociedade. Ou seja, deve ter direito a se inserir em todas as instâncias sociais sem ser criticado, excluído ou discriminado. Por acreditarmos nessa teoria, nos propomos a tratar de assuntos específicos para a apresentação do trabalho de conclusão de curso no qual o autor se posiciona como cidadão, deficiente físico e cadeirante, com o intuito de informar e discutir questões sobre esse universo.

Desse modo, apresentaremos o planejamento e a produção de conteúdo do Instagram do JP, a fim de apresentar o cotidiano, as lutas e as dificuldades do deficiente físico, exemplificando de forma particular a rotina de um cadeirante, com ênfase para as suas conquistas e entraves quando o assunto é a inserção nas mídias digitais. Além das atividades voltadas ao estilo de vida, também serão produzidos conteúdos jornalísticos sobre a temática deficiência.

2.3 Cidadania, mídia digital e legislação

Para desenvolver o presente trabalho e os conteúdos que foram inseridos no Instagram do JP, foi necessário discutir a cidadania das pessoas com deficiência, para que pautas mais assertivas fossem definidas. Então o que é ser um cidadão? Até que ponto uma pessoa com deficiência exerce sua cidadania, principalmente, no âmbito da comunicação?

Para responder esses questionamentos, buscamos o conceito de cidadania para Carolina Izidoro (2017), percebida para além da simples lógica do direito a ter direitos, e aprendida e vivenciada no exercício dos direitos, dos deveres e das responsabilidades individuais e coletivas, em uma perspectiva de solidariedade e de participação nos assuntos públicos.

Como o projeto do Instagram do JP apresenta um Instagram de um quase jornalista cadeirante que pretende informar e discutir sobre o cotidiano de pessoas com deficiência, a comunicação está no centro do debate da cidadania. Por isso, Signates e Moraes, contribuem ao destacarem que “[...] não existe cidadania, sequer como possibilidade, fora de um processo comunicacional que a viabilize, estabeleça e desenvolva” (SIGNATES e MORAES, 2016, p. 25).

As mídias digitais, em especial, o Instagram, são importantes meios de comunicação, que além de informar, também formam agendas de debates e pressão sobre a opinião de toda a sociedade. Percebe-se então que a cidadania comunicacional, conforme Signates e Moraes (2016) pode ser vivenciada nos espaços de interação, como o Instagram, em um processo de trocas comunicativas entre interagentes.

Segundo TEMER & TONDATO, (2009, p. 6), não há progresso humano sem diálogo, pois é no diálogo que os homens se encontram para transformar a realidade e progredir. O diálogo é o cimento do conhecimento e a base da verdadeira cidadania.

Percebe-se que são as mídias digitais, por meio de comunicação social, que auxilia na implementação de direitos e deveres de cidadãos comuns e de pessoas com deficiência por meio do acesso à informação e da interação entre os atores sociais.

O homem, de um modo geral, não se sente comprometido com a deficiência e a imprensa reproduz essa postura. Precisamos humanizar o jornalismo e o ambiente das mídias digitais é propício para isso. O lugar de fala do autor cadeirante deste trabalho reflete e revela os desafios de uma pessoa com deficiência na realização de sua cidadania em vários aspectos. Nos últimos tempos, as discussões e interesses

sobre a Integração e inclusão de pessoas com deficiência se intensificaram no país. WERNECK, (1998, p. 34), relata que a sociedade é incapaz de ver a deficiência como questão humana e nem como questão social ou política, sendo assim, os meios de comunicação colaboram e refletem essa visão.

Numa sociedade inclusiva talvez fosse mais fácil ter oportunidades profissionais e possibilidades de acessibilidade nos diversos ambientes que um profissional da comunicação precisa transitar. Desse modo, foram vivenciados os desafios do exercício da cidadania neste trabalho ao buscar produzir conteúdo. Ainda assim, o presente autor foi às ruas para encontrar e produzir conteúdos para mostrar os desafios e impactos na vida de um jovem profissional da comunicação e de outros cadeirantes, que são desafiados, rotineiramente, no exercício da cidadania.

2.4 Redes de participação e visibilidade das pessoas com deficiência

O século XXI realizou uma revolução científico-tecnológica, em relação ao mundo globalizado, visto que ele se encontra interconectado por redes digitais, nas quais o indivíduo vive “mergulhado” por um turbilhão de informações que invadem o seu cotidiano.

Diante disso, convém mencionar a importância da obra de Manuel Castells “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet”, cujo o assunto é falar da rede de participação e visibilidade das pessoas com deficiência, pois, o autor em sua obra fornece um modelo explicativo que percebe esse movimento, não apenas por meio dos condicionantes macrohistóricos, mas sobretudo, pelo aspecto comunicativo, emocional e também tecnológico. Os quais marcam, cada vez mais, a sociedade nas esferas políticas, econômicas, dentre outras.

Assim, Castells (2009) nos possibilita que essas discussões agreguem as perspectivas “online” e “offline”, diante dos fenômenos associativos que são capazes de marcar a teoria dos movimentos sociais ao longo da história, uma vez que em seu entendimento, incluir não é algo tão simples quanto parece, pois é necessário que essa inclusão não aconteça apenas na teoria, mas também, na prática.

Assim, Castells relata que as transformações do mundo ocorrem por meio da sociedade que se encontra conectada em rede e que os movimentos não surgem simplesmente como resultado da pobreza, porque estes também dependem de

aspectos emocionais e principalmente da busca por justiça, engajamento e superação das pessoas como é o caso dos deficientes.

Logo, pode se entender que “o espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares” (CASTELLS, 2013, p. 160).

Diante disso, percebe-se que é crucial a inclusão das pessoas nos diversos contextos da sociedade, sobretudo na mídia. Neste sentido, afirma-se que conforme a Lei Nº 13.146 que foi promulgada em julho de 2015 que institui Inclusão da Pessoa com Deficiência nos diversos âmbitos da sociedade, fica esclarecido em seu Art. 3º as seguintes colocações:

- I - Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;
- II - Desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva;
- III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2015).

Como se percebe é determinado por Lei, a inclusão da pessoa deficiente na sociedade, inclusive nos meios midiáticos pois para Manuel Castells (2009), através das mídias digitais, as pessoas com deficiência podem expressar as suas próprias mediações, suas visões de mundo, bem como as suas subjetividades, e de modo mais específico, os seus entendimentos sobre a deficiência. E por meio desses entendimentos acabam sobretudo, por reivindicarem as suas singularidades. Com isso, percebe-se que:

A inclusão social e digital da Pessoa com Deficiência deverá ser percebida, através de um olhar pesquisador, considerando a democratização da comunicação como um terreno propício à construção da sociedade inclusiva (LIGIA PEREIRA; ROBSON PEQUENO, 2011, p. 2).

Na sociedade da informação, ter acessibilidade em relação ao conhecimento digital, permite que aconteça a inclusão digital do deficiente nas mídias digitais, como é o caso do Ciberjornalismo. Além disso, a inclusão digital da possibilidade do deficiente expressar a concepção que possui das coisas, “através de procedimentos como compartilhar informações e encontrar informações úteis para própria pessoa com deficiência e sua família (PEREIRA; PEQUENO, 2011, p. 2).

Para Manuel Castells (2009), a comunicação é o processo que se permite que se compartilhe um significado real por meio da troca de informações. Inclusive,

Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação (TI) na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança (MANUEL CASTELLS, 2009, p.11).

Ou seja, a comunicação digital possibilita que ocorra a inserção das pessoas na sociedade, independente das suas características físicas, sociais ou culturais, tudo isso porque os seres humanos são capazes de “criar significados interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais” (CASTELLS, 2009, p. 11).

3 MEMORIAL/ RESULTADOS E DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A motivação desse trabalho tem como ponto de partida a minha vivência pessoal de cadeirante e a necessidade de tornar público os desafios pelos quais uma pessoa que utiliza cadeira de rodas passam para viver numa sociedade marcada por preconceitos e exclusão. Eu pensei na possibilidade desse trabalho, no dia em que participei de um evento na faculdade cujo tema principal era “Acessibilidade e Comunicação”. Após esse dia, passei a pensar como eu, cadeirante e estudante de jornalismo, poderia contribuir para melhorar essa realidade.

3.1 Memorial

No primeiro dia de aula na universidade, quando olhei para a sala de aula eu me perguntei: cadê os deficientes? Numa sala com mais de sessenta alunos, eu era o único deficiente e que usava cadeira de rodas.

Naquele evento da faculdade, ouvi os relatos de várias pessoas deficientes que falaram sobre as dificuldades que encontravam para utilizar os meios de comunicação tradicionais. Percebi que muitos deficientes físicos não têm consciência do seu papel na sociedade. Quando começamos a usar os meios de comunicação de massa, principalmente, as redes sociais para falar de cidadania e direitos, começamos a ter perspectivas de transformação no universo dos deficientes, de um modo geral. Pretendo demonstrar como é a vida de deficientes físicos cadeirantes, mostrar as dificuldades e superações do dia a dia. Assim, surgiu a página no Instagram. Um espaço na rede social para se tratar de cidadania, direitos, histórias de vida, sensibilidades de comunicação e formas de lazer possíveis.

Acessibilidade nas questões geográficas é muito debatida, porém, pouco se fala sobre as lacunas que encontramos na comunicação. Quando se fala em acessibilidade na comunicação, logo se pensa nos deficientes auditivos, pois têm a linguagem de sinais, a Libras, que também é excluída nos lugares e veículos de comunicação.

Portanto, uma página no Instagram, poderá ser lugar de fala para muitos, esclarecer dúvidas de pessoas deficientes e da sociedade em geral de como nós, cadeirantes, precisamos de pessoas conscientes e de políticas públicas adequadas. Lá, falaremos sobre os problemas que afligem a vida das pessoas com deficiência e sensibilidades na comunicação.

Na mídia, em geral, não vemos uma programação voltada à acessibilidade e nem a fala dos cadeirantes. Muitas pessoas têm a curiosidade de saber como é a vida de um deficiente. Alguns deficientes não conseguem se expressar adequadamente sobre determinados assuntos, por isso precisam de uma rede de apoio. Isso acontece por timidez ou por falta de oportunidades de expor o que sente. Através do meu lugar de fala no Instagram vamos explorar os interesses das pessoas sobre este universo particular dos deficientes e sem constrangimento.

3.2 Resultados e descrição do produto

Com base na introdução, esse trabalho se propõe ao planejamento e à produção de um perfil no Instagram (@joaopaulozandor) cujo intuito será representar o cotidiano do deficiente físico, a partir da vivência pessoal do autor. Portanto, essas páginas terão como finalidade demonstrar como ele se sente em relação à inclusão e a exclusão na sociedade e como este pode desenvolver atividades que sejam capazes de corresponder aos seus anseios e aspirações profissionais e pessoais.

Para a veiculação de material jornalístico e de conteúdo voltado para as questões ligadas à inclusão das pessoas com deficiência no âmbito da comunicação, na mídia e nas redes sociais onde se produz e se veiculam as informações, serão realizadas discussões e seleção de pautas, que demonstrem a rotina de um cadeirante na sua busca pela inserção e integração no mundo atual, frente às mudanças tecnológicas que ocorrem, cada vez com mais frequência. Esta é uma tarefa de grande importância e relevância social.

Porém, por se considerar, que seja essencial a promoção de iniciativas capazes de contribuir para o desenvolvimento e criação de competências comunicacionais que garantam, verdadeiramente, que todo e qualquer indivíduo se sinta incluído, é que se faz aqui tal proposta. Para tanto essa pesquisa pretende realizar o planejamento e desenvolvimento de conteúdos digitais que visem a elaboração de um produto jornalístico digital, que de fato, inclua o indivíduo, com qualquer tipo de deficiência, no contexto comunicacional, independentemente da sua limitação e com acesso as diversas informações em seu cotidiano.

Concomitantemente à pesquisa de campo e revisão bibliográfica, foi criado o Instagram do JP, um espaço para possibilitar as postagens e compartilhamentos de posts, entrevistas no formato 'Live style', curiosidades e esclarecimentos sobre o tema Inclusão¹.

Os assuntos discutidos ou abordados lá, foram escolhidos conforme o planejamento.

- Inclusão no Turismo;

¹ O Instagram tem uma ferramenta se chamada insights, Fica à vontade, meu amigo pode compartilhar, esse recurso tem como objetivo demonstrar as Matérias que são postada na conta. As informações são passadas com detalhe sobre a página, como exemplo: As localização do público, quantas pessoas clicaram nos postes e também quantas visualizações que o perfil teve. Insghts traz um gráfico expõe como que está sendo audiência da conta.

- Passe Livre Interestadual;
- Doenças que permitem a uma pessoa ser considerada 'deficiente físico, de acordo com as leis;
- Cartão de estacionamento para uso de vagas preferenciais. Como e onde solicitar;
- As histórias sobre a invenção das cadeiras de roda;
- Indicação de filmes que abordam o tema 'Deficiente Físico e inclusão);
- Modelos de vasos sanitários que são acessíveis para pessoas com deficiência física, especialmente, os cadeirantes;
- Quando os Direitos das pessoas com deficiência forem violados, quem devemos procurar.

As datas de postagens que constam no planejamento para o Instagram do JP não foram cumpridas, devido a problemas que surgiram no percurso do trabalho. Porém, todos os temas foram ou serão abordados, num futuro próximo.

Algumas 'lives' foram realizadas por JP e convidados deficientes ou professores especialistas sobre alguma vertente da inclusão, que se faz necessária em todos os âmbitos da nossa sociedade e não há novidade no fato de que as redes sociais e/ou blog pessoal colaboram muito com essa inserção.

Modo geral de alcance do JP:

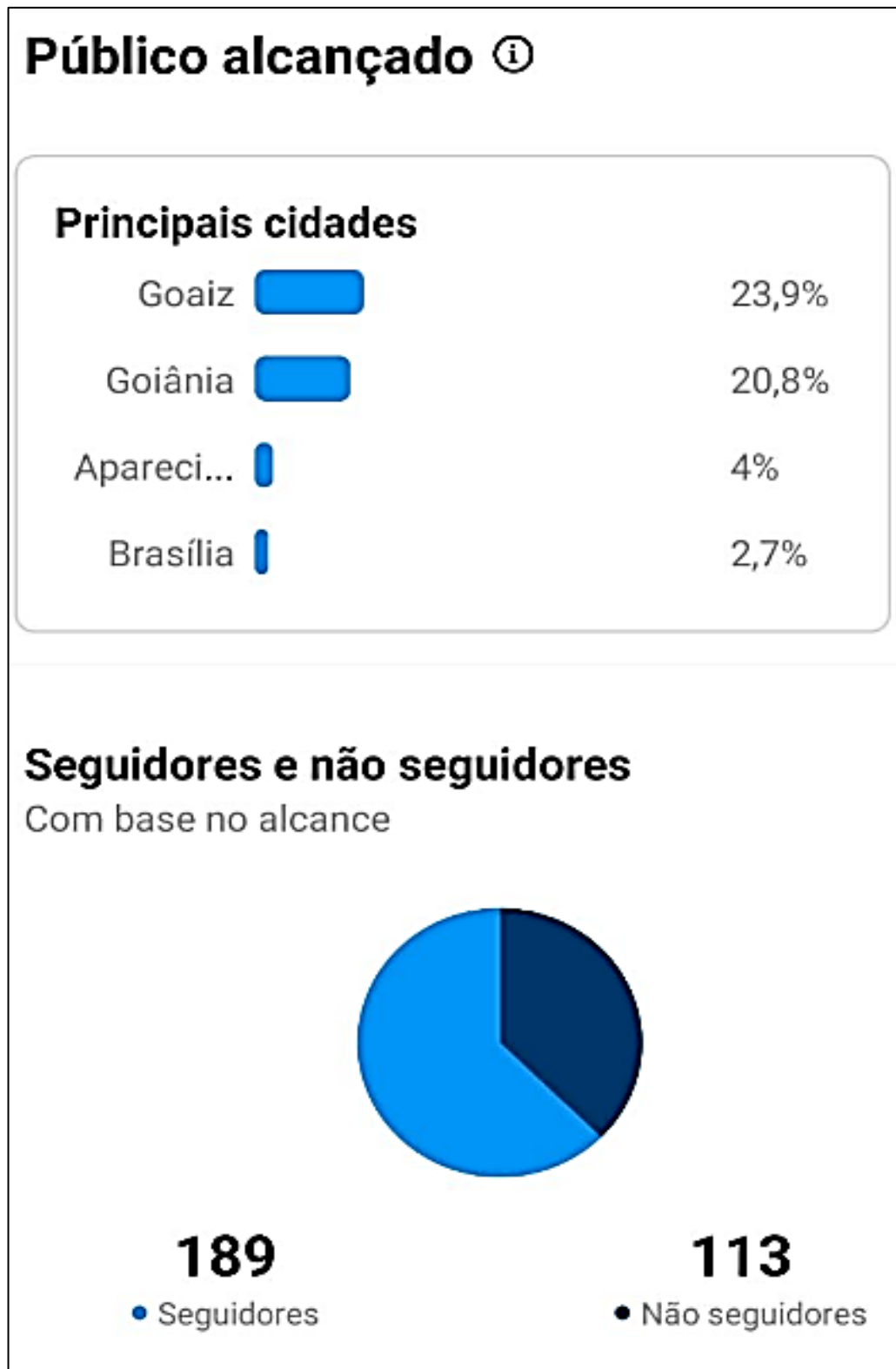
Figura 1 - Visão geral dos insights.



Fonte: INSTAGRAM, @joaopaulozandor /Acesso em: 04 dez.2021.

A figura 2 é um gráfico que mostra aonde que Instagram do JP chegou em audiência em cada município mostrado:

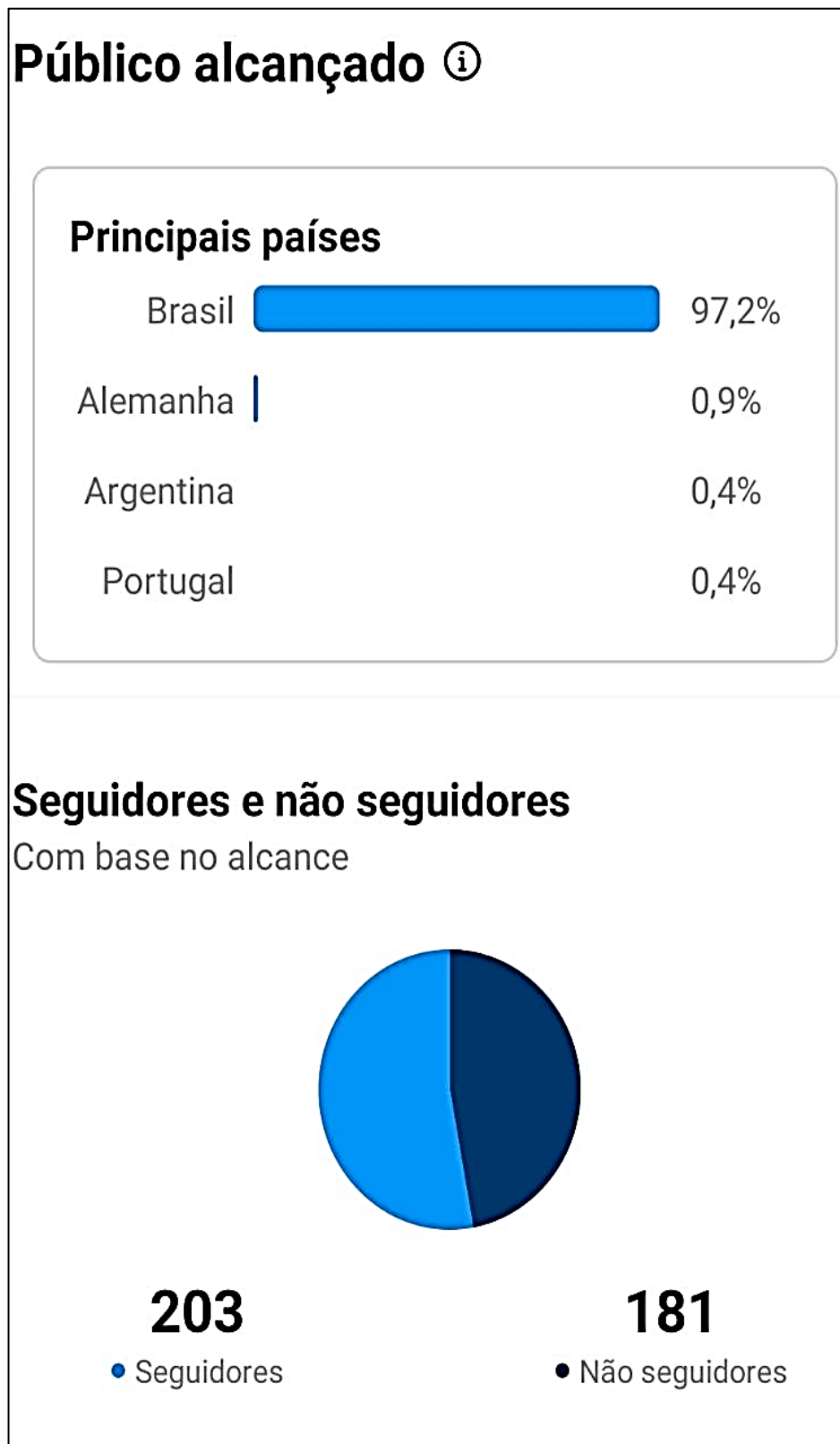
Figura 2 – Público alcançado por município



Fonte: INSTAGRAM, @joaopaulozandor /Acesso em: 04 dez.2021.

O gráfico da figura 3 mostra aonde que página do Instagram do JP chegou em audiência por Países:

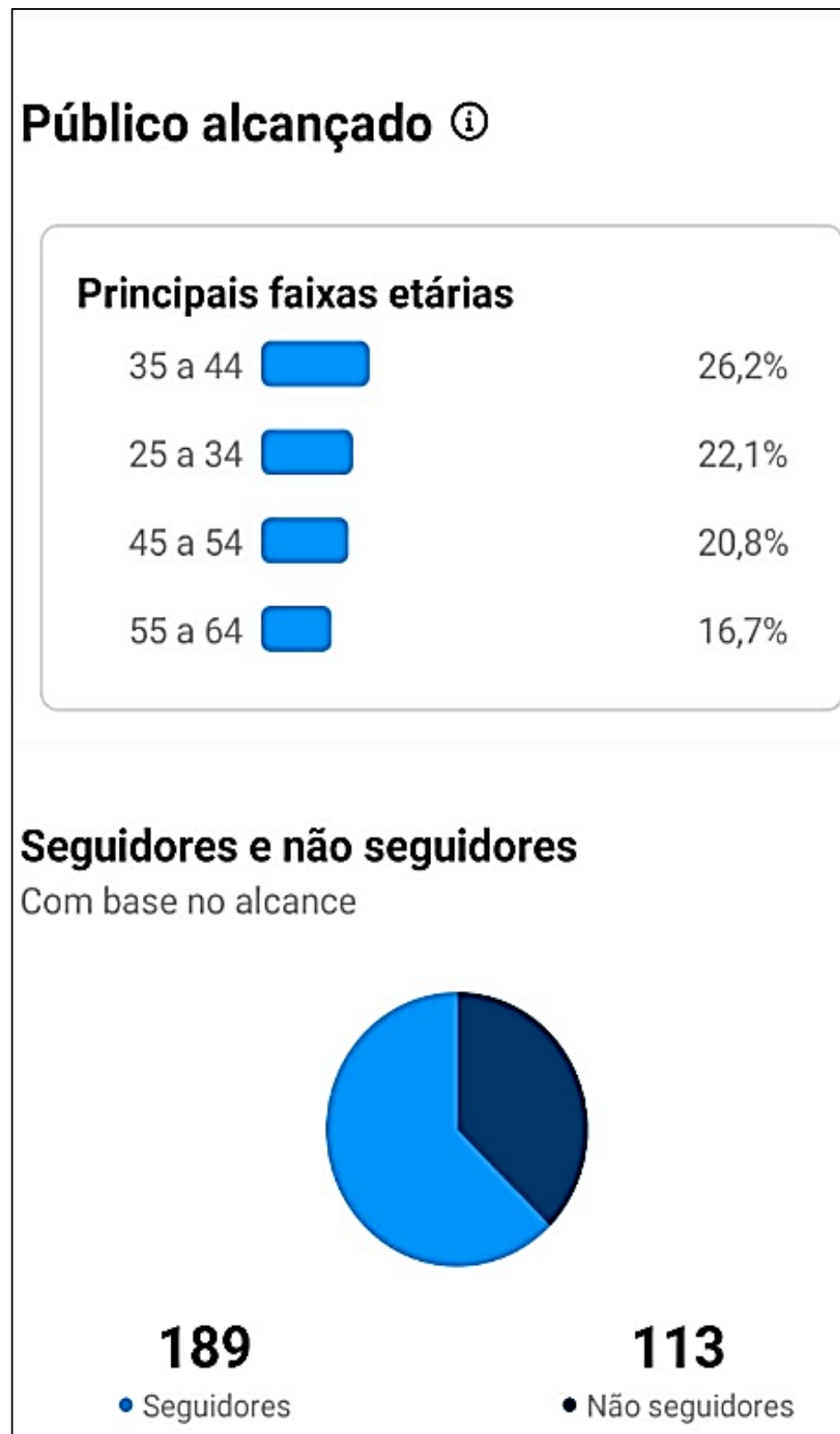
Figura 3 - Público alcançado por países



Fonte: INSTAGRAM, @joaopaulozandor /Acesso em: 04 dez.2021.

O gráfico esclarece o público que mais consome por faixa etária da página do Instagram do JP.

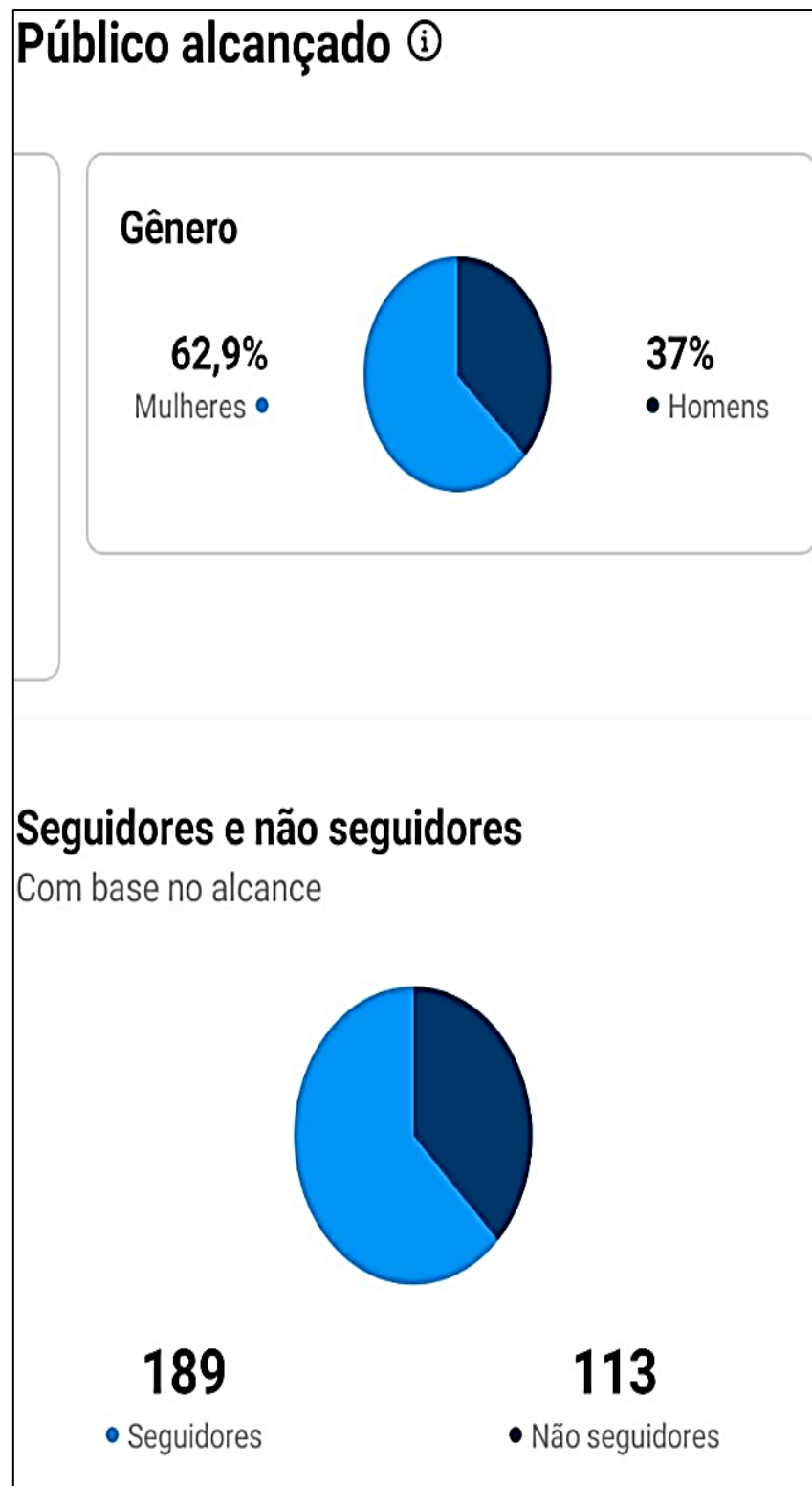
Figura 4 - Público alcançado por faixa etária



Fonte: INSTAGRAM, @joaopaulozandor /Acesso em: 04 dez.2021.

O gráfico específico o gênero que mais consome as publicações da página do Instagram do JP:.

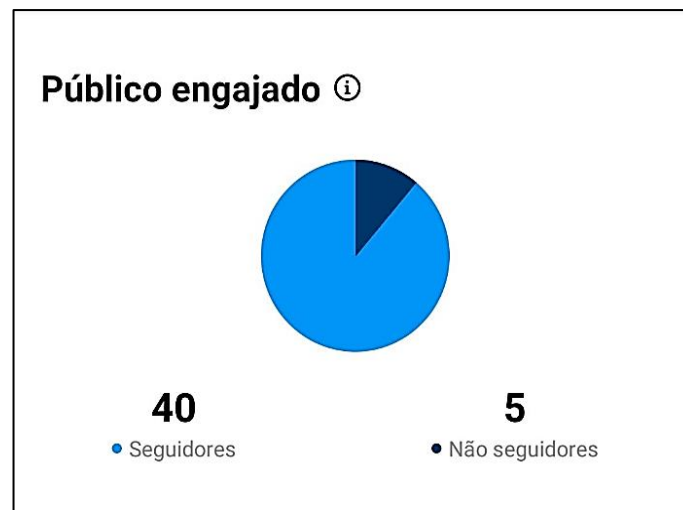
Figura 5 - Público alcançado por gênero



Fonte: INSTAGRAM, @joaopaulozandor /Acesso em: 04 dez.2021.

Os números do público mais participante com as publicações do Instagram do JP, que faz comentários, curtem e compartilham:

Figura 6 - Público engajado



Fonte: INSTAGRAM, @joaopaulozandor /Acesso em: 04 dez.2021.

Como as publicações do Instagram do JP, aonde que fala sobre o mundo dos cadeirantes os números de seguidores chegou 491:

Figura 7 - O crescimento dos seguidores



Fonte: INSTAGRAM, @joaopaulozandor /Acesso em: 04 dez.2021.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo baseado em pesquisas, vivências e revisões bibliográficas utilizou tecnologias dentro do contexto da informação e da comunicação, tornando possível “um lugar de fala” no Instagram do JP, autor, cadeirante, estudante de jornalismo e também para deficientes físicos em geral, professores, especialistas e qualquer pessoa que lute pela inclusão e divulgação dos assuntos ligados a esse tema.

O objetivo é transformar a realidade através da informação, uma vez que as barreiras são muitas e devem ser ultrapassadas por meio de uma forte representação dessas pessoas, e a mídia digital é ideal para desenvolver e tornar esse diálogo mais amplo. O Instagram do JP foi criado com a finalidade de buscar os seus direitos pela visibilidade, para socializar e integrar os deficientes no meio social, cultural e alcançar uma maior acessibilidade na web.

Nesse contexto, o estudo busca valorizar as diferenças, visto que a deficiência é uma marca da diversidade na sociedade, e por isso, merece respeito. Transformar mentalidades, informar através das mídias digitais, oferecer um lugar de fala aos deficientes e formar opiniões.

Enfim, as mídias digitais e a comunicação estão no centro do debate da cidadania, pois sem comunicação e sem diálogo não há interação. O Instagram além de informar, é um meio de agendas de debates e formação de opiniões da sociedade por meio de trocas comunicativas entre os interagentes.

No entanto, os meios de comunicação digitais ou não precisam ser humanizados e auxiliar, cada vez com maior intensidade, a sociedade a ver a deficiência como questão humana, social e política com a finalidade de viabilizar a inclusão. Então, podemos concluir que o Instagram do JP, como lugar de fala de um quase jornalista, cadeirante e seus convidados deve colaborar, imensamente, como espaço de publicação e partilha de fotos, vídeos, áudios, posts, slideshows, lives entre outros, na busca por engajamento, justiça, superação para os deficientes, levando em conta a democratização da comunicação e inserção das pessoas na sociedade, sejam elas deficientes ou não, pois características físicas, culturais e sociais devem ser respeitadas.

Não podemos negar que ao longo das últimas décadas houve inúmeras transformações, porém, não são suficientes para garantir o respeito e a qualidade de vida para incontáveis deficientes físicos e cadeirantes, por isso o “lugar de Fala”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. **Estudos sobre jornalismo digital no Brasil**. USP/UMESP (2004)
- ATAIDE, Aline de Oliveira. **A contribuição das tecnologias da informação e da comunicação para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência visual**. Brasília:UnB,2011.
- BEILFUSS. Letícia Paola. **Acessibilidade Comunicativa na práxis jornalística cotidiana**. São Borja, 2016.
- BRASIL. **LEI nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000.
- BRASIL. **Lei nº 13146/2015**, de 02 de janeiro de 2015
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Lisboa, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança Movimentos sociais na era da internet**. Editora Zahar, 2009/2013.
- CORTES, Clarice das Chagas. **Comunicação Alternativa**. Monografia (graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015
- IZIDORO, Carolina Zafino. **A Comunicação nas Fanpages**. Repositório BC UFG 2017.
- JÁCOME, Gavin. **Representações Sociais do Deficiente pelos seus Responsáveis Acompanhantes**. Rio de Janeiro, 2012.
- JORGE, Cristina de Oliveira. DUARTE, Glaucius Décio. **Acessibilidade digital para deficientes visuais**. São Paulo, 2010.
- JORGE, Cristina de Oliveira. **Acessibilidade digital em sítios de bibliotecas: um estudo envolvendo pessoas com cegueira**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Sul- Rio- Grandense. Pelotas, 2018.
- JORGE, Thaís de Mendonça. **A notícia em mutação: estudo sobre o relato noticioso no jornalismo digital**. 2007. 396 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- JORGE, Thaís de Mendonça. PEREIRA, Fabio Henrique. **Jornalismo on-line no Brasil: reflexões sobre perfil do profissional multimídia** Revista **FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, núm. 40, dezembro, 2009, pp. 57-62 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.
- MEC (Ministério da Educação e Cultura). **Deficiência Física**. PDF 2004.

MENDONÇA, R.O paradoxo da miséria. Veja, São Paulo, nº 1 735, p. 64, 23 de janeiro de 2002.

NETO; Almir dos Reis Santos. CRUZ, Ana Maria Carvalho da. CONCEIÇÃO, Deise Maria da. ARAÚJO, Edilson Tavares de. **Pessoas com deficiência, cuidados e ofertas de serviços socioassistenciais pelo suas: análise das concepções veiculadas pela mídia brasileira.** Rio de Janeiro, 2010.

NOVAK, Maria Fernanda Costa. **A importância da acessibilidade e inclusão de deficientes físicos nas escolas.** Irati-Pr 2015.

RIBEIRO, Djamila, 2017. **Lugar de fala, Femininos plurais.** Polen Livros, 2017

SANTOS, Ligia Pereira dos. PEQUENO, Robson. **Novas tecnologias e pessoas com deficiências: a informática na construção da sociedade inclusiva?** São Paulo, 2011.

SCHWINGEL, Carla. **Sistemas de produção de conteúdo no ciberjornalismo : a composição e a arquitetura da informação no desenvolvimento de produtos jornalísticos** .2008.

SHIMOSAKAI, Ricardo. José Hamilton Ribeiro. **Um dos mais premiados jornalistas brasileiros, teve sua perna amputada cobrindo a guerra do Vietnã.** São Paulo, 2013.

SIGNATES, Luiz & MORAES, Â. **Cidadania Comunicacional: Teoria, epistemologia e pesquisa.** Goiânia, Gráfica UFG, 2016.

SILVA; Flavia Natalia Ramos; VOLPINI, Maria Neli. Inclusão escolar de alunos com deficiência física: conquistas e desafios. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 1 (1): 18-29, 2014.

SILVA, Marina de Almeida. **Jornalismo e Acessibilidade Comunicacional: Estratégias para a inclusão de pessoas com deficiência visual através dos dispositivos móveis.** Covilhã, junho de 2017.

TEMER, Ana Carolina & TONDATO, Marcia Perencin. **Mídia e Cidadania: uma relação na perspectiva histórica.** BC UFG, Goiânia, 2009

VILELA, Flávia. **IBGE: 6,2% da população têm algum tipo de deficiência.** Rio de Janeiro, 2015.

WERNECK, Claudia. **Quem cabe no seu todos?** {Sociedade Inclusiva}. WVA edit., 1999 R.J.



AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E PARA REPRODUÇÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS

PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL

Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010

Goiânia | Goiás | Brasil

Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080

www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante João Paulo Brito Oliveira do Curso de Jornalismo, matrícula 2017.2.0127.0108-7, telefone: (62) 8419-4899 e-mail joaopaulozandor@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Deficiência física: meu lugar de fala como comunicador, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 13 de dezembro de 2021.

Assinatura do(s) autor(es): João Paulo Brito Oliveira

Nome completo do autor: João Paulo Brito Oliveira

Assinatura do professor-orientador: p/ Solmi m. de m. Oli

Nome completo do professor-orientador: Carolina Zafino Isidoro